

ANAIS DA 71ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC – CAMPO GRANDE, MS - JULHO/2019

SBPC – Campo Grande, 23 de julho de 2019 – 10h30

Polarização e radicalismo, a democracia inacabada

José de Souza Martins

Nossas inquietações desta hora são as inquietações decorrentes de mais um episódio de retorno cíclico ao lugar de onde não se sai. Expressam um traço persistente do nosso modo de ser. Parece uma condenação à impossibilidade de encontrar saídas. Além de um traço cultural, na verdade, trata-se de um despreparo e de um desinteresse crônico pela inovação em todos os campos em que ela é possível. Somos conformistas porque fomos e temos sido historicamente educados para não ousar, não querer senão o que querem por nós, não correr riscos. Arriscar é um traço essencial da cultura da inovação, que sem negar o existente procura transformá-lo para nele multiplicar o que há de melhor e mais necessário e superá-lo.

Nossa mentalidade política conformista é inconformada apenas com a mudança, a inovação. Nosso inconformismo se manifesta de vários modos na cultura popular brasileira. É ela caracteristicamente a cultura da maledicência. Se chove, falamos mal do tempo. Se faz sol, falamos mal do tempo. Se as coisas acontecem como gostaríamos que acontecessem e o dissemos no dia anterior, ficamos infelizes e passamos a satanizar o possível autor do acontecido. Sem contar que em nossa visão de mundo, mesmo nas universidades, no que se refere ao que está fora dos estritos parâmetros da ciência, não explica as adversidades e problemas pela busca de causas e fatores, mas de culpados.

O vírus da intolerante Santa Inquisição contaminou nossas concepções cotidianas e aí estabeleceu a conflitividade inócua de questionar sem saber, de querer mudanças sociais e políticas sem reflexão nem projeto de nação. Capturados por essa realidade de impossíveis, somos incapazes de ver no mundo em que

vivemos as pluralidades, as diferenças, as alternativas, o possível como descoberta e construção social e política, como obra da conciliação e da invenção, só possível na busca e no encontro do que nos une e não do que nos separa e dispersa.

Somos historicamente autoritários. Só gostamos do outro quando ele é parecido conosco. Nosso narcisismo é extenso. Presos do outro lado do espelho, não vemos o oposto que nos nega e liberta ao mesmo tempo.

O Brasil é historicamente prisioneiro de uma polarização política que reflete e confirma outras polarizações, em outros campos da vida social, como a polarização religiosa e a polarização das diferenças sociais. Somos culturalmente incapazes de nos pensarmos como unidade na diversidade. Estamos condenados a uma polaridade deformadora e simplificadora.

Essa é a característica básica de nossas alienações, especialmente a alienação política. A alienação que estrutura nossos impasses e lhes dá permanência. Não conseguimos viver sem eles, sem os dilemas do beco sem saída.

Nós nos perdemos diante da possibilidade e do desafio da alternativa, da criação social, da inovação verdadeira e transformadora. Ficamos atônitos, de plantão, à espera do messias que nos levará ao caminho da salvação da pátria. Desde que ele seja o nosso messias, não o messias do outro. Somos partidarizados, mas não somos politizados.

Vivemos pelo menos meio século, ou mais, de sectarismo e desencontro, de busca para não buscar, em busca do encontro no desencontro. Esquerda e direita, nesse período, alternadamente, dominaram para não desenvolver uma cultura democrática e de libertação, de desalienação. Recriaram a política de curral.

Os que nos querem conduzir querem-no em direção ao mesmo e à mesmice. As mudanças sociais e políticas que empreendemos mudam a realidade na forma mas não na substância, na aparência mas não na consequência. Desde os tempos coloniais, nossa estrutura política é essencialmente a mesma, como já mostrou Victor Nunes Leal, polarizados entre a centralização enraizada no absolutismo monárquico e suas duradouras concepções autoritárias e a descentralização de nosso municipalismo oligárquico e sua deformada democracia. Quando queremos democracia, caímos prisioneiros desse localismo interesseiro, que não separa o público e o privado.

Temos, historicamente, duas corrupções e não “uma só”: a corrupção do varejo, própria do localismo, insidiosa, recrutadora de cumplicidades que se estendem por tramas de família, de amigos, de compadres, agentes de nossa contínua recondução ao beco sem saída. Essa é a corrupção tradicional, legitimada pelo patriarcalismo, que entre nós sobrevive de muitos modos. Nasceu na formação do Brasil, e foi alimentada pela economia pré-moderna, que no século XIX se estabeleceu na grande lavoura escravista da agricultura de exportação.

Mas temos, também, a corrupção moderna, que pudemos ver e conhecer melhor a partir do mensalão. A corrupção mediada pelo grande capital e pelo pequeno caráter das pessoas pequenas. A corrupção das quantias tão grandes de dinheiros incontáveis, do dinheiro na cueca, na meia, na mala. A corrupção moderna que usa meios retrógrados para guardar e transportar dinheiro sujo, ou seja de corruptos antiquados. A grande corrupção de amadores, que a ela chegaram por via política. Não é coisa de empresário. Empresário não rouba, faz produzir e cria empregos. Na verdade corrupção que caracteriza nossa pós-modernidade, vinculada ao circuito do grande capital, desterritorializada, por oposição à corrupção localista de base municipal.

Para compreender cientificamente esse nosso melancólico hoje, é imprescindível decifrar causas e processos de nossas corrupções. Sem isso, nunca compreenderemos a sociedade que somos, a democracia que não conseguimos. Continuaremos nos arrastando em busca de democracia e achando que é democracia o que democracia não é, a convivência intolerante, o absolutismo infiltrado nas ranhuras da democracia sempre inacabada. Estamos sempre quase chegando lá, sem nunca chegar, pois não conhecemos a trajetória, não gostamos dela, temos por ela aversão, certezas demais e descabimentos demais.

Entre as duas corrupções, balança nossa política. São dois superpartidos, sem registro nem legalidade, a condicionar e fragmentar os partidos políticos oficiais em facções de interesse não-doutrinárias.

Elas demarcam nossa alienação nossa falsa consciência. A alienação que bloqueia nosso possível e nossas buscas. Sísifo, retornamos sempre ao mesmo recomeço na impossibilidade de inovar, transformar e superar.

Nesse quadro, resta-nos a pobreza de perspectiva da polarização ideológica, ou um lado ou o outro. Germe de nossa falta de saída que nos remete ao radicalismo de dois polos que são os mesmos. O verde-amarelo anti-brasileiro de uma pátria postiça e retrógrada. E o vermelho da pátria ausente, que em nome do socialismo é, sobretudo, anti-socialista. Polarizações que não são as das superações do atraso social, do atraso econômico, da ignorância. As do nosso partir sempre para não chegar nunca.

As ciências sociais, entre nós, não se puseram clara e firmemente a missão científica de ser as ciências da nossa diferença e das nossas singularidades, dos nossos bloqueios. Nosso avesso, que já foi proposto e exposto pela literatura, de Machado de Assis, de *O Alienista*, a Guimarães Rosa, de *Grande Sertão, Veredas*, clama pelo deciframento sociológico e antropológico para que finalmente possamos compreender nele o mistério do nosso possível e libertá-lo da cadeia em que a história da dependência colonial e do subcapitalismo o aprisionou.